

Elisa Mattos  
Vanessa Pastorini  
Michelle Murta  
Wander Emediato de Souza  
Ana Larissa Oliveira  
Organizadores

# PERCURSOS ACADÊMICOS E DEBATES INTERINSTITUCIONAIS

Pesquisas Desenvolvidas no  
Programa de Pós-graduação em  
Estudos Linguísticos da UFMG

**E-book**

do XII Seminário de Teses  
e Dissertações do PosLin

UF *m* G

FALE  
FACULDADE  
DE LETRAS

  
POS LIN · UFMG

  
CAPES

**Elisa Mattos**  
**Vanessa Pastorini**  
**Michelle Murta**  
**Wander Emediato de Souza**  
**Ana Larissa Oliveira**  
Organizadores

# **PERCURSOS ACADÊMICOS E DEBATES INTERINSTITUCIONAIS**

Pesquisas Desenvolvidas no  
Programa de Pós-graduação em  
Estudos Linguísticos da UFMG

**E-book**

do XII Seminário de Teses  
e Dissertações do PosLin

Obra financiada pelo Programa de Estudos  
Linguísticos da FALE UFMG via PROEX-CAPES



São Paulo, 2022

## ***Expediente***

### **Coordenação PosLin**

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira  
Wander Emediato de Souza

### **Comissão Organizadora**

Elisa Mattos  
Vanessa Pastorini  
Michelle Murta

### **Comissão Editorial**

Elisa Mattos – editora  
Vanessa Pastorini – editora  
Michelle Murta – consultora  
Bárbara Guimarães Rocha – monitora  
Pedro Henrique Malafaia – monitor  
Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira – consultora  
Wander Emediato de Souza – consultor

### **Comitê Científico**

Alcione Gonçalves (CEFET-MG)  
Aline Aver Vanin (UFCSPA)  
Ana Cláudia de Souza (UFSC)  
Ana Larissa A. M. Oliveira (UFMG)  
Aroldo Leal de Andrade (UFMG)  
Bruna Toso (UEMG)  
Charley Soares (UFVJM)  
Charlotte Galves (Unicamp)  
Cilene Rodrigues (UFRJ)  
Claudiene Diniz da Silva (UEMA)  
Elisa Mattos (UFMG)  
Elisabeth G. de Souza (CEFET-RJ)  
Fabiana Giovani (UFSC)  
Fábio Arcanjo (UFMG)  
Gláucio Fernandes (CEFET-MG)  
Henrique Rodrigues Leroy (UFMG)  
Igor Guimarães (PUC Minas)

Janaína Rufino (IF Sudeste MG)  
Laura Amato (UNILA)  
Leandro Rodrigues Alves Diniz (UFMG)  
Letícia Moraes (UEMA)  
Luiz Rocha (UFJF)  
Marco Túlio Freitas (PUC-GO)  
Marcos Racilan Andrade (CEFET-MG)  
Michelle Murta (UFMG)  
Natália Costa Leite (CEFET-MG)  
Pablo Ribeiro (UFRGS)  
Paulo Henrique Mendes (UFOP)  
Soélis T. do Prado Mendes (UFOP)  
Suzi Cavalari (UNESP)  
Vanessa Pastorini (USP)  
Vânia Soares Barbosa (UFPI)

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

### **Capa, projeto gráfico e diagramação**

Rita Motta - Ed. Tribo da Ilha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P429

Percursos acadêmicos e debates interinstitucionais: pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG / Organizadoras Elisa Mattos, Vanessa Pastorini, Michelle Murta, et al. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

Outros organizadores  
Wander Emediato de Souza  
Ana Larissa Oliveira

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-556-9  
DOI 10.31560/pimentacultural/2022.95569

1. Linguagem e línguas. 2. Linguística. 3. Pesquisa. 4. Educação. 5. Língua brasileira de sinais. I. Mattos, Elisa (Organizadora). II. Pastorini, Vanessa (Organizadora). III. Murta, Michelle (Organizadora). IV. Título.

CDD 410

Índice para catálogo sistemático

I. Linguagem e línguas : Linguística

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

## Sumário

<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>8</b>
Elisa Mattos Vanessa Pastorini	
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>9</b>
Elisa Mattos Vanessa Pastorini	
<b>CRIANDO PONTES E DIÁLOGOS ACADÊMICOS INTERINSTITUCIONAIS: O SETED EM FOCO.....</b>	<b>14</b>
Elisa Mattos Vanessa Pastorini Michelle Murta Bárbara Guimarães Rocha Pedro Henrique Malafaia	

### BLOCO 1

<b>ESTUDOS DIACRÔNICOS.....</b>	<b>32</b>
Soélis Teixeira do Prado Mendes Vanessa Pastorini	
ESTUDO DE DEMONSTRATIVOS NO PORTUGUÊS DA REGIÃO DO AMAZONAS NOS SÉCULOS XIX, XX E XXI .....	36
Gislaine Aparecida Martins Siqueira	
<b>ESTUDOS FORMAIS: COMPARAÇÃO E INTERFACES DA GRAMÁTICA .....</b>	<b>48</b>
Aroldo Leal de Andrade	
INVESTIGANDO A CORRELAÇÃO ENTRE A CATEGORIA APLICATIVO E A FUNÇÃO INFORMACIONAL DE TÓPICO.....	53
Bárbara Guimarães Rocha	
<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE LINGUÍSTICA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....</b>	<b>67</b>
Charley Pereira Soares Elisa Mattos	

A LIBRAS SOB A PERSPECTIVA DAS FIGURAS DE LINGUAGEM: UM ESTUDO  
SOBRE O USO DA LÍNGUA DE SINAIS ..... 74  
Graciele Kerlen Pereira Maia

AVANÇANDO AS PESQUISAS EM LIBRAS: MAPEAMENTOS ICÔNICOS NA  
ESTRUTURA INTERNA DOS VERBOS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS .....84  
Michelle Murta  
Elisa Mattos

**LINGÜÍSTICA DE CORPUS COMO UM CAMPO EM EXPANSÃO NAS INTERFACES  
DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM ..... 104**  
Aline Aver Vanin

CENÁRIOS METAFÓRICOS EM DISCURSOS SOBRE A IMIGRAÇÃO VENEZUELANA  
NO BRASIL ..... 108  
Cássio Morosini

**SEMÂNTICA LEXICAL ..... 120**  
Pablo Nunes Ribeiro  
Elisa Mattos

COMPLEMENTARIDADE MANEIRA/RESULTADO: QUESTÕES LEXICAIS ..... 124  
Thaís Bechir

**VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA I E II..... 143**  
Alcione Gonçalves  
Elisa Mattos

UMA ANÁLISE TEMPO-MODAL E DE TIPOS VERBAIS NAS CONSTRUÇÕES  
ASPECTUAIS [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] E [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] ..... 148  
Ana Clara Teixeira Ferreira

GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO [DORMIR + PARTICÍPIO] PARA MARCAR  
NOÇÃO ASPECTUAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ..... 162  
Ana Paula Rabelo de Freitas

OS USOS DO TÍTULO *DOCTOR* E SUA PRESENÇA NAS DENOMINAÇÕES DE  
LOGRADOUROS PÚBLICOS DA CIDADE DE BETIM (MG) ..... 177  
Jeander Cristian da Silva

## BLOCO 2

**ANÁLISE DO DISCURSO ..... 193**  
Fábio Ávila Arcanjo

A (RE)CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DISCURSIVO DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO  
NO *TWITTER* ..... 203  
Rute Ferreira Fraga

**ARGUMENTAÇÃO E DISCURSO ..... 220**

Bruna Toso Tavares

RESULTADOS PRELIMINARES DE AGENDA DE PESQUISA DOUTORAL SOBRE O DISCURSO PAPAL: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA DISCURSIVA DE AGREGAÇÃO E DE SEGREGAÇÃO PARTIR DE TEXTOS PUBLICADOS ENTRE 1995 E 2021 PELA SANTA SÉ ..... 225

Gabriel Fernandino

A GESTÃO DE PONTOS DE VISTA NA ATIVIDADE ARGUMENTATIVA DE VÍDEOS DE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA DO YOUTUBE..... 244

Marcos Filipe Zandonai

**ARGUMENTAÇÃO, TEXTO E ENUNCIÇÃO ..... 261**

Claudiene Diniz da Silva

A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM UMA REDAÇÃO NOTA 1000 DO ENEM ..... 265

Bruna Amarante de Mendonça Cohen

**INTERAÇÃO E DISCURSO ..... 281**

Elisabeth Gonçalves de Souza

O ESTABELECIMENTO DA RELAÇÃO INTERATIVA DE PREPARAÇÃO COMO MANOBRA DE GESTÃO DE FACES E TERRITÓRIOS EM UMA ENTREVISTA ESCRITA ..... 285

Daniel Martins de Brito

A SINALIZAÇÃO DO ACORDO E DESACORDO: O USO DO COMENTÁRIO METADISCURSIVO NO JOGO DE FACES EM UM DEBATE ELEITORAL POLILOGAL ..... 303

Paloma Bernardino Braga

**APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE SEMIÓTICA DISCURSIVA I ..... 317**

Letícia Moraes

INTERAÇÕES DISCURSIVAS EM COMENTÁRIOS DA *FANPAGE DIREITA VIVE 3.0*..... 321

Natália Silva Giarola de Resende

**SEMIÓTICA DISCURSIVA II ..... 337**

Janaína de Assis Rufino

Vanessa Pastorini

LIMPEZA SEM NEURA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DOS PAPÉIS DE GÊNERO NOS COMERCIAIS DA MARCA DE LIMPADORES VEJA ..... 341

Milena Dias Breder

**BLOCO 3**

**ENSINO CRÍTICO DE LÍNGUA INGLESA: DIÁLOGOS CORAZONANTES..... 357**

Henrique Rodrigues Leroy

RELAÇÃO UNIVERSIDADE-ESCOLA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS: CONSTRUINDO UMA LINGUAGEM OUTRA .....	361
Isabela de Oliveira Campos	
A CONFLUÊNCIA DE SABERES LOCAIS E GLOBAIS NA INTERNACIONALIZAÇÃO DE BELO HORIZONTE .....	375
Kelly Cristina Torres de Barros Ferreira	
<b>ENSINO E SUBJETIVIDADES.....</b>	<b>392</b>
Natália Costa Leite	
O “CONGELAMENTO” DA SUBJETIVIDADE: A PROFESSORA DE INGLÊS TRANS PELAS LENTES DOS ESTUDOS QUEER E DA PSICANÁLISE .....	396
Rafael de Sousa Lopes Nascimento	
<b>ENSINO DE LÍNGUAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS: PESQUISAS EM LINGUÍSTICA APLICADA .....</b>	<b>415</b>
Gláucio Geraldo Moura Fernandes Elisa Mattos	
AGÊNCIA E <i>AFFORDANCES</i> DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO <i>WHATSAPP CHATCLASS</i> .....	420
Demétrius Faria dos Santos	
<b>PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL: UM CAMPO EM EXPANSÃO .....</b>	<b>435</b>
Laura Janaina Dias Amato	
PRÁTICAS DE LETRAMENTO ACADÊMICO DE E PARA ESTUDANTES MIGRANTES NA UFMG .....	439
Elisa Mattos	
<b>ORTOGRAFIA E TEXTO: DUAS FACES DA MESMA MOEDA? .....</b>	<b>462</b>
Fabiana Giovani Ana Cláudia de Souza	
APRENDER ORTOGRAFIA: ANÁLISE DO IMPACTO DA INSTRUÇÃO E CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS .....	469
Michelle Nogueira Lara Prado	
<b>AUTORAS E AUTORES .....</b>	<b>489</b>
<b>ORGANIZADORAS .....</b>	<b>494</b>
<b>COMITÊ CIENTÍFICO .....</b>	<b>495</b>

## AVANÇANDO AS PESQUISAS EM LIBRAS: MAPEAMENTOS ICÔNICOS NA ESTRUTURA INTERNA DOS VERBOS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

**Michelle Murta<sup>1</sup>**  
**Elisa Mattos<sup>2</sup>**

### Resumo

Este capítulo objetiva apresentar uma pesquisa de doutorado sobre os mapeamentos icônicos presentes na estrutura interna dos verbos da Língua Brasileira de Sinais – Libras. A iconicidade é entendida como uma relação analógica entre forma e significado, criando semelhanças entre o aspecto formal e o aspecto semântico (MEIR; TKACHMAN, 2018) e, como fenômeno linguístico, pode ser encontrada tanto nas línguas orais quanto nas línguas sinalizadas. Para desenvolver a pesquisa aqui apresentada, também nos referimos à estrutura morfofonológica dos verbos em Libras, seguindo as propostas de Lourenço (2018a, 2018b) e de Lourenço e Wilbur (2018) de que há uma simultaneidade de informações visuais nas línguas de sinais, com cinco estruturas morfofonológicas do item verbal, quais sejam: expressões não manuais, que compreendem a face superior e a face inferior, e os três parâmetros primários, que compreendem a configuração de mão, o movimento e a locação. Com base nos conceitos de iconicidade e de estrutura morfofonológica interna dos verbos, a pesquisa de doutorado questiona se é ou não possível identificar mapeamentos icônicos independentes em cada “camada” de informação visual (*slot* morfológico), da estrutura verbal. Em específico, faz-se uma análise de 153 verbos ancorados ao corpo e que possuem como localização a cabeça ou o tronco, seguindo a lista de verbos encontrada em Lourenço (2018a). Os resultados indicam que, embora os mapeamentos sejam produtivos em Libras devido à modalidade visuoespacial da língua, eles não parecem ser predominantes na estrutura dos verbos, se considerarmos separadamente cada *slot* morfológico.

**Palavras-chave:** Libras. Iconicidade. Mapeamento icônico. Estrutura morfofonológica. Verbos.

### Abstract

This chapter presents a doctoral research on the iconic mappings identified in the internal structure of verbs in Brazilian Sign Language (Libras). Iconicity is understood as an analogical relationship between form and meaning, creating similarities between formal and semantic aspects (MEIR; TKACHMAN, 2018). Iconicity can be found in both oral and signed languages. To develop the research presented in this chapter, we refer to the morphophonological structure of verbs in Libras, following the proposals of Lourenço (2018a, 2018b) and Lourenço and Wilbur (2018), which state that there is a simultaneity of visual information in sign languages, in which five morphophonological layers can be found, namely: non-manual expressions, which comprise the

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Linguísticos, área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva. Orientador: Prof. Dr. Guilherme Lourenço. E-mail para contato: [michelle.murta@gmail.com](mailto:michelle.murta@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos, área de concentração: Linguística Aplicada. Orientador: Prof. Dr. Leandro Rodrigues Alves Diniz. E-mails para contato: [elisamattos@ufmg.br](mailto:elisamattos@ufmg.br) e [mattos.elisa@gmail.com](mailto:mattos.elisa@gmail.com).

upper face and lower face, and three primary parameters, which include hand configuration, movement, and location. Based on the concepts of iconicity and the internal morphophonological structure of verbs in signed languages, this research aims to verify whether independent iconic mappings can be identified in each “layer” of visual information (i.e., morphological slots) in the structure of verbs in Libras. Specifically, the research analyzes 153 body-anchored verbs, following the list of verbs found in Lourenço (2018a). The results show that while productive in Libras due to the visuospatial modality of the language, the iconic mappings do not seem to be predominant in the structure of verbs, particularly if each morphological slot is analyzed separately. **Keywords:** Libras. Iconicity. Iconic mapping. Morphophonological structure. Verbs.

## 1. Introdução

As línguas de sinais têm despertado cada vez mais o interesse de pesquisadores da área da linguística<sup>3</sup>, na busca por melhor compreender a estrutura e o funcionamento desses sistemas linguísticos<sup>4</sup>. A Língua Brasileira de Sinais (Libras), foco da pesquisa de doutorado apresentada neste capítulo, acompanha essa tendência, com investigações de natureza fonético-fonológica (XAVIER, 2006, 2016; JUNIOR; STUMPF, 2015), sintática (LOURENÇO, 2014, 2018a), semântica (XAVIER; BARBOSA, 2015, 2016) e pragmática (FERREIRA; BENFATTI, 2020; JEREMIAS, 2020), entre outras.

Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Libras tem crescido em presença, tanto nas pesquisas acadêmicas<sup>5</sup> quanto no ensino<sup>6</sup>, possivelmente como resultado da criação da Política Linguística desta instituição<sup>7</sup>, em que a Libras é um dos idiomas

---

<sup>3</sup> Segundo Pereira e Limberti (2019) e Bernardino, Silva e Passos (2015), datam da década de 1960 as primeiras pesquisas sobre as línguas de sinais, no exterior, e na de 1980, no Brasil.

<sup>4</sup> Coletâneas como as de Brentari (2010) e de Baker *et al.* (2016) reúnem pesquisas importantes e inovadoras sobre línguas de sinais de diversas regiões do mundo, por uma variedade de perspectivas teóricas. Já em Lucas (2001), as pesquisas centram-se nos aspectos sociolinguísticos. Há, também, publicações como as de Hou e Kurters (2019), que investigam as línguas de sinais pela ótica etnográfica. Sandler e Lillo-Martin (2003) oferecem uma excelente revisão das línguas de sinais como sistema linguístico.

<sup>5</sup> As primeiras disciplinas de Libras da FALE e do PosLin, na UFMG, foram ministradas pela Prof. Dra. Elideia Bernardino. É também da pesquisadora a primeira dissertação sobre a Libras defendida no referido programa de pós-graduação (BERNARDINO, 1999). Desde então, teses e dissertações têm sido desenvolvidas no Programa, entre elas: Costa (2015, 2020), Lourenço (2014, 2018a), Murta (2022), Passos (2009, 2014) e Silva (2010, 2018), entre outros. Murta (2022) é a primeira surda a defender uma tese na UFMG.

<sup>6</sup> Em 2008, a disciplina Fundamentos de Libras foi ofertada pela primeira vez na FALE, na UFMG. Em 2017, a primeira disciplina de Libras foi ofertada no PosLin, na mesma instituição. Atualmente, a FALE tem um curso de licenciatura inteiramente voltado para a Libras, o Letras Libras. Para mais informações:

<sup>7</sup> A Política Linguística da UFMG, instaurada pela Resolução 07/2018 de 22/05/2018, pode ser acessada na íntegra em: [https://www.ufmg.br/dri/wp-content/uploads/2016/06/Resolu%C3%A7%C3%A3o-N%C2%B0-07\\_2018-Pol%C3%ADtica-Lingu%C3%ADstica.pdf](https://www.ufmg.br/dri/wp-content/uploads/2016/06/Resolu%C3%A7%C3%A3o-N%C2%B0-07_2018-Pol%C3%ADtica-Lingu%C3%ADstica.pdf). Acesso em: 12 fev. 2022.

contemplados, e como consequência dos avanços na legislação brasileira<sup>8</sup>. A tese de doutorado apresentada é um dos trabalhos mais recentes desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin), da Faculdade de Letras (FALE), e também é fruto dessas iniciativas de democratização e de inclusão.

Com o propósito de contribuir com o avanço das pesquisas sobre Libras na UFMG, e visando expandir as discussões teóricas e os conhecimentos sobre a Libras como um sistema linguístico, dotado de recorrências, regularidades e especificidades, a tese de doutorado aqui apresentada analisou a relação entre iconicidade e a estrutura morfofonológica dos verbos na Libras, verificando a existência de mapeamentos icônicos em cada *slot* morfológico da estrutura interna de 153 verbos. Com base nessa análise, foi proposta uma escala de iconicidade a partir do número de mapeamentos icônicos presentes na estrutura verbal.

Para apresentar a referida tese, este capítulo está organizado em cinco seções: após esta introdução, que inclui os objetivos, as hipóteses de trabalho e a justificativa da investigação, apresentamos o referencial teórico que orientou a pesquisa, na seção 2, seguida de uma sucinta exposição da análise dos dados, na seção 3, e de alguns resultados dessa análise, na seção 4. Na seção 5, concluímos o presente texto com considerações finais e sugestões de investigações futuras que podem ser desenvolvidas na área da Linguística.

### *1.1 Objetivos e hipóteses de trabalho*

O principal objetivo da pesquisa de doutorado apresentada é investigar a relação entre iconicidade e a estrutura morfofonológica dos verbos na Libras. Dessa forma, buscou-se:

- Verificar a existência de mapeamentos icônicos em cada *slot* morfológico da estrutura interna verbal;
- Propor uma escala de iconicidade a partir do número de mapeamentos icônicos presentes na estrutura verbal.

Com base nesses objetivos, as seguintes hipóteses de trabalho foram levantadas:

- Mapeamentos icônicos podem ser identificados na estrutura morfológica do item verbal e cada *slot* morfológico pode codificar essas relações icônicas entre forma e significado.

---

<sup>8</sup> Por exemplo, o Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, inclui a Libras como componente curricular em uma série de cursos de graduação que formam educadores, sejam esses cursos licenciaturas ou bacharelados: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-publicacaooriginal-39399-pe.html>. Acesso em: 15 fev. 2022.

- É possível identificar o grau de iconicidade que um item verbal possui a partir da quantidade de mapeamentos icônicos presentes em sua estrutura interna, de modo que seja possível construir uma escala de iconicidade em consideração à estrutura morfofonológica do item lexical.

### 1.2 Justificativa

Partindo da tradição da Linguística, precisamente da escola de Saussure (2006 [1915]), o signo linguístico é considerado arbitrário e, em certa medida, essa tradição Saussuriana tem deixado o fenômeno da iconicidade fora do centro das pesquisas sobre a estrutura das línguas naturais. Se, por um lado, entendemos a arbitrariedade como sendo uma ausência de motivação entre forma e significado, a iconicidade pode ser compreendida como uma relação analógica entre forma e significado, de modo que há semelhança entre eles (MEIR; TKACHMAN, 2018).

Na Libras, um exemplo dessa “relação de dualidade” entre arbitrário e icônico está nos verbos *trabalhar* e *correr*, como indicado visualmente na Figura 1, em que TRABALHAR tem sinal considerado arbitrário, uma vez que não apresenta relação de semelhança entre sua forma e seu significado. Já o verbo CORRER tem sinal considerado icônico, pois é possível identificar uma relação de semelhança entre a forma do item e seu significado. A forma do sinal é, portanto, análoga a seu significado.

**Figura 1:** À esquerda, o verbo TRABALHAR, considerado sinal arbitrário e, à direita, o verbo CORRER, considerado sinal icônico.



Fonte: Murta (2022, p. 22).

Nas línguas orais, pode-se identificar a iconicidade em diferentes níveis de análise, tanto na morfologia e no léxico (WAUGH, 1994), passando pela estrutura da sentença (HAIMAN, 1980), quanto na prosódia (SHINTEL; NUSBAUM, 2006). No entanto, é nas línguas de sinais que a iconicidade ganha peso, possivelmente devido à capacidade que as

línguas sinalizadas têm em codificar e mapear relações de analogia entre forma e significado, devido à modalidade visual-manual.

Nesse sentido, para Brentari (2019, p. 76) “a habilidade de se preservar a iconicidade parece ser uma vantagem das línguas de sinais. As línguas orais são um pouco ‘deficientes de iconicidade’”. Em consonância, Aronoff, Meir e Sandler (2005) sustentam que as línguas de sinais são mais produtivas do que as línguas orais na capacidade de representar conceitos como fonte, alvo, tema, caminho e tamanho, de maneira motivada. Essa tendência à produtividade é uma das razões pelas quais a iconicidade representa o foco da pesquisa de doutorado discutida neste capítulo.

Além disso, a pesquisa desenvolvida teve como motivação avançar os estudos sobre a Libras, dando continuidade à dissertação de mestrado intitulada “METÁFORAS EM LIBRAS: um estudo de seu uso por pessoas surdas” (MURTA, 2015), na qual buscou-se compreender o uso de metáforas por surdos, considerando a frequência de uso e as regularidades de metáforas na Libras. Foi nessa pesquisa que a iconicidade despontou como principal razão para o uso mais frequente de determinadas metáforas na Libras. A tese de doutorado não inclui metáforas, mas concentra-se em ampliar o entendimento sobre a iconicidade na Libras, dado o papel central do fenômeno nesse sistema linguístico.

## 2. Referencial teórico

Dando continuidade às observações teóricas introduzidas na seção 1, nos estudos sobre iconicidade, Taub (2001) explica que esse fenômeno não é uma relação objetiva entre forma e significado, e sim uma relação entre nossos modelos mentais da imagem e da referência. Dito de outro modo, a iconicidade não cria uma semelhança direta entre forma e significado<sup>9</sup>, mas é um processo em que recursos fonéticos próprios da gramática de uma determinada língua são utilizados para codificar essa relação entre a imagem e o referente<sup>10</sup>.

---

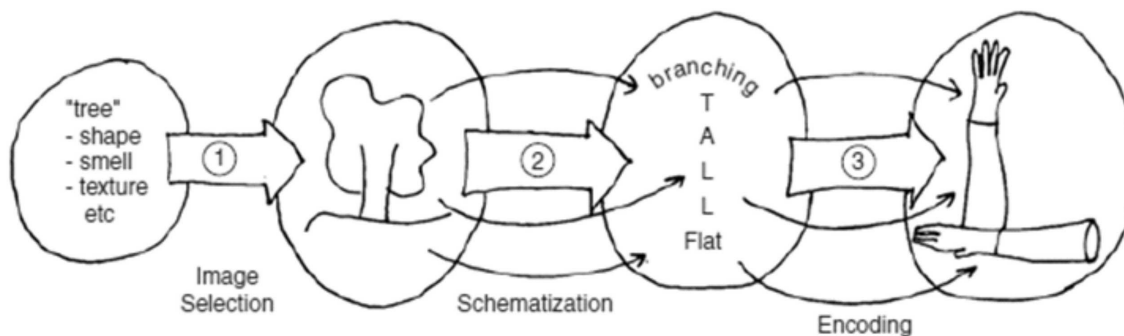
<sup>9</sup> É preciso diferenciar iconicidade de *transparência*. Por um lado, a iconicidade cria uma relação de analogia entre forma e significado, e, por outro, a transparência é a capacidade de um indivíduo de inferir o significado de um item linguístico a partir de sua forma (KLIMA; BELLUGI, 1979). Pesquisadores (HOEMANN, 1975; GROSSO, 1993, ORTEGA *et al.*, 2017; EMMOREY, 2019) já investigaram se os sinais icônicos de uma língua de sinais são transparentes para indivíduos que não conhecem a língua e sua estrutura. Esses trabalhos têm demonstrado que até mesmo sinais altamente icônicos não são transparentes, de modo que uma pessoa que não conhece a língua de sinais em questão não consegue identificar corretamente o significado de um dado sinal.

<sup>10</sup> Como argumentam Bernardino, Silva e Passos (2015, p. 4), as línguas de sinais não são inteiramente icônicas, podendo haver variação, pois “cada povo usuário de uma língua seleciona um aspecto que será mais evidente no sinal”. Ademais, Pereira e Limberti (2019, p. 164) acrescentam que, nas línguas sinalizadas, “o aspecto icônico de um referente ou sinal varia de uma LSs [língua de sinais] para outra, apresentando motivações distintas, pois se leva em consideração a língua e a cultura surda de cada país”.

Para explicar como elementos icônicos surgem nas línguas, Taub (2001, cap. 4) propõe o Modelo de Construção Analógica da Iconicidade Linguística, cuja proposta teórica objetiva criar ferramentas para descrever, modelar e analisar os itens icônicos de uma língua, partindo do princípio de que há mapeamentos do significado para a forma do item icônico e de que esse mapeamento deve sempre preservar a estrutura de analogia entre a forma e seu significado, seja em uma língua sinalizada ou uma língua oral.

Resumidamente, Taub (2001) propõe que a construção analógica da iconicidade se dá em três processos: (1) *seleção imagética*; (2) *esquematisação*; e (3) *codificação*<sup>11</sup>. Ao criar um item icônico, a imagem é *selecionada*, modificada ou *esquematisada*, e, então, são selecionadas formas presentes na estrutura daquela língua, para mostrar ou *codificar* essa(s) determinada(s) imagem(ns), como ilustrado na Figura 2.

**Figura 2:** Processo de construção analógica do sinal icônico TREE em ASL.



Fonte: MURTA (2022, p. 22).

<sup>11</sup> Para a seleção imagética, o processo de construção analógica começa com um conceito que requer representação linguística, fazendo referência a imagens de diferentes modalidades sensoriais que o usuário da língua tem sobre um determinado referente. O sinal ÁRVORE, por exemplo, representa conceptualmente árvores de diferentes tamanhos, folhas, cheiros, texturas. Segundo Taub (2001, p. 45), “A partir dessa quantidade potencialmente vasta de informações, nós selecionamos uma imagem sensorial que irá representar todo o conceito”. A esquematização é o processo de destacar os detalhes importantes, para que a imagem esteja em formato compatível com a língua, ainda que seja necessário fazer adaptações (TAUB, 2001). Cada língua tem suas especificidades, que podem permitir ao usuário fazer referências e entender alguns signos linguísticos de forma específica. Nesse sentido, as imagens também sofrerão alterações e adaptações nas diferentes línguas. Na codificação, a forma física para representar cada parte é escolhida, preservando a estrutura geral da imagem original (TAUB, 2001), criando um pareamento de forma-significado que é icônico e linguístico. No caso do sinal de árvore na Libras, a mão aberta pode representar as ramificações, o antebraço na vertical pode indicar o suporte alto e, na horizontal, representar uma superfície plana. Há dois níveis em que as línguas fazem escolhas arbitrárias no processo de codificação. O primeiro centra-se na escolha dos elementos icônicos específicos para compor a forma linguística, e o segundo é a escolha de quais compostos linguísticos devem ser mantidos como itens lexicais ou sintáticos pela língua. Essas escolhas diferenciam o processo de codificação (mais restrito) da mímica ou da imitação (livres de restrições).

Essa construção da iconicidade por analogia relaciona-se também à metáfora, já que a iconicidade e a metáfora são construídas por processos de mapeamentos entre dois domínios, a saber: forma e significado, na iconicidade, domínio fonte (mais concreto) e domínio alvo (mais abstrato), nas metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Os signos icônicos que sofrem extensão metafórica estariam sujeitos a ambos mapeamentos e a iconicidade do signo pode restringir a criação de mapeamentos metafóricos (MEIR, 2010). A seguir apresentamos uma discussão da estrutura morfofonológica das línguas de sinais, com a Libras em mente.

### 2. 1 Simultaneidade e o *layering* de informações visuais na estrutura verbal

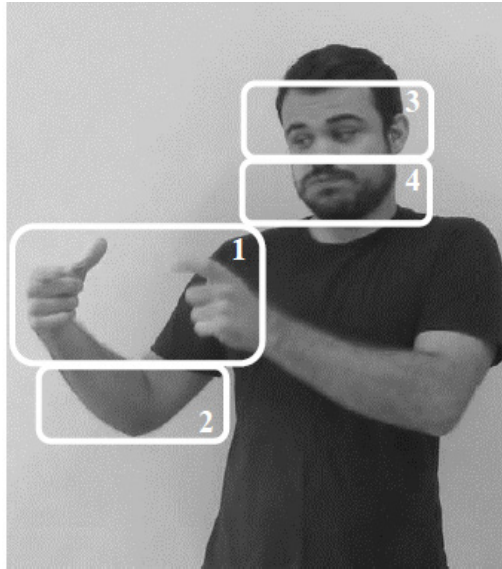
Os componentes fonológicos das línguas de sinais têm organização simultânea, ou seja, todas as unidades mínimas de uma mesma sílaba sinalizada (pausas durante a realização de um sinal) são produzidas no mesmo intervalo de tempo. Assim, se considerarmos os três parâmetros fonológicos primários que formam um sinal, veremos que eles são produzidos ao mesmo tempo (STOKOE, 1960; FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004).

A simultaneidade não está restrita à estrutura fonológica nas línguas de sinais e Wilbur (2003, p. 334) apresenta o conceito de *layering*, que é o “mecanismo de organização linguística pelo qual múltiplas informações podem ser enviadas simultaneamente. (...) é uma conspiração entre forma (articulação) e significado” e possibilita que “mais de uma unidade de significado linguístico (morfema) seja eficientemente transferida simultaneamente”.

Embora esteja presente tanto nas línguas orais quanto nas sinalizadas, a simultaneidade é mais produtiva nas sinalizadas, por elas possuírem dois articuladores principais simultâneos, que são as duas mãos, além dos articuladores não-manuais, que também são usados de forma simultânea durante a sinalização (WILBUR, 2003). Cada articulador pode passar informações gramaticais diferentes. Figueiredo e Lourenço (2019), em concordância com Wilbur (2003), identificam na Libras quatro blocos principais de informação visual, listados a seguir e, então, indicados visualmente na Figura 4:

- i. O sinal manual indica o item lexical;
  - ii. O espaço de sinalização (o local em que o sinal é localizado no espaço), pode trazer informações relacionadas a noções de referencialidade;
  - iii. Expressões faciais na parte superior do rosto, que transmitem informações sintáticas;
  - iv. Expressões faciais na parte inferior do rosto, com função modificadora em nível lexical.
- (FIGUEIREDO; LOURENÇO, 2019, p. 80)

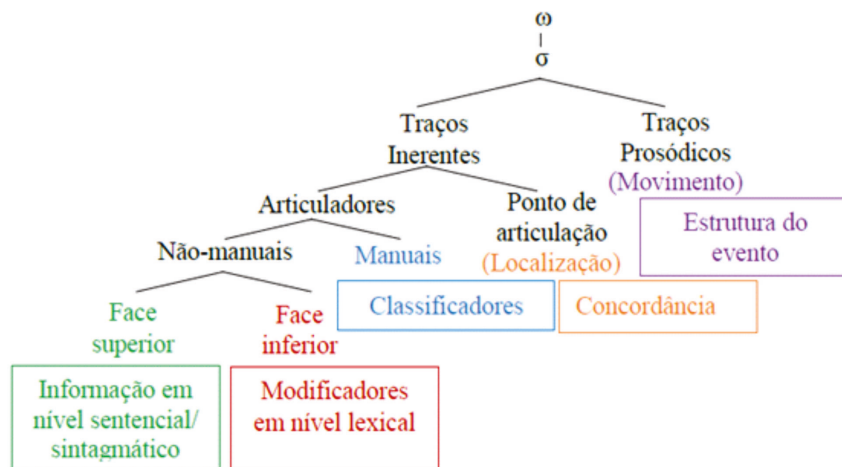
**Figura 4:** *Layering* de informações visuais na Libras: 1) sinal manual; 2) espaço de sinalização; 3) face superior; e 4) face inferior.



Fonte: Figueiredo e Lourenço (2019, p. 81).

Lourenço (2018b) vai além e propõe que o *layering* de informações visuais também se faz presente na estrutura interna dos verbos, associando diferentes operações morfológicas a diferentes nós da estrutura fonológica interna desses elementos, como indicado na Figura 5.

**Figura 5:** *Layering* de informações visuais na estrutura interna do verbo e respectivas operações morfológicas.



Fonte: Lourenço (2018b, p. 4).

Considerando o *layering* e assumindo o Modelo Prosódico de Brentari (1998), Lourenço (2018b) explica que, na estrutura de Traços Prosódicos (TP), especificam-se tanto o movimento feito pelo sinal como as mudanças realizadas ao abrir as mãos, e que, na

hierarquia de *layering*, cada camada “indica a estrutura anatômica responsável por articular o movimento. Assim, os nós mais altos representam as articulações do ombro e dos braços, enquanto os nós mais baixos correspondem ao movimento das mãos e dos dedos” (p. 3).

Já sobre a estrutura de Traços Inerentes (TI), composta por Articuladores e Ponto de Articulação, Lourenço (2018b) afirma que o nó articulador pode ser classificado em manual e não-manual. Como indica a Figura 5, “o sinal é especificado tanto em termos de traços manuais, que irão discriminar a forma tomada pela(s) mão(s), quanto em termos de traços não manuais, que irão descrever propriedades da cabeça e do corpo como articuladores ativos.” (p. 3). No nó do Ponto de Articulação, por sua vez, estão “as especificações sobre o local/região em que os articuladores se encontram no momento da realização do sinal.” (*idem*).

## 2.2 Operações morfológicas

Lourenço (2018b, p. 4) propõe que cada nó da estrutura fonológica pode ser alvo de uma operação morfológica específica. São elas:

- i) modificações em nível sentencial/sintagmático têm como alvo as especificações de traços não-manuais, mais especificamente a **região superior da face**;
  - ii) modificações em nível lexical de caráter adverbial também alteram a estrutura de traços não-manuais, mas localizam-se na região **inferior da face**;
  - iii) construções classificadoras modificam a **estrutura manual** do sinal;
  - iv) a concordância verbal constitui-se da alteração dos traços presentes sob o nó **Ponto de Articulação**;
  - v) informações aspectuais e relacionadas à temporalidade do evento modificam a estrutura de **Traços Prosódicos** do sinal.
- (LOURENÇO, 2018b, p. 4)

A face superior é composta pela frente, olhos e sobrancelhas, responsável por marcações relacionadas às estruturas sintáticas. Na Libras, Figueiredo e Lourenço (2019) explicam que o movimento de sobrancelhas marca domínios sintáticos e está presente em diferentes estruturas frasais. Os autores identificam a presença de movimento de sobrancelhas em: i) construções de tópico; ii) interrogativas do tipo S/N; iii) interrogativas do tipo QU-; iv) condicionais; v) orações relativas; vi) junto a pronomes e determinantes indexicais; vii) contextos de enumeração; viii) orações adverbiais; e ix) construções que se assemelham a apostos. Já a face inferior é composta pelas bochechas, boca e queixo e esses articuladores podem trazer modificações verbais, como, por exemplo, intensidade.

O nó manual contém as informações fonológicas que compõem a chamada configuração de mão. Nessa estrutura, os classificadores são construções verbais resultantes de um processo morfológico que altera a configuração de mão do verbo (cf. BRENTARI; BENEDICTO, 2004; BERNARDINO, 2012). Adotando Brentari e Benedicto (2004),

Lourenço (2018b) argumenta que “a diferença entre um verbo classificador e um verbo não-classificador” reside “no fato de que nos verbos classificadores a configuração da mão possui estatuto morfológico enquanto que nos verbos não-classificadores ela possui apenas caráter fonológico” (p. 4).

Segundo Lourenço e Wilbur (2018), a concordância verbal na Libras acontece quando a localização do verbo é alterada para que coincida com a localização do argumento. Os autores nomeiam esse processo de co-localização. Sob essa perspectiva, modificações do nó Ponto de Articulação seriam associadas à concordância verbal. Assim, a partir da proposta de Lourenço (2018b) e de Lourenço e Wilbur (2018), constata-se que a estrutura de *layering* de informações visuais na estrutura interna dos verbos tem relação direta com os processos morfológicos que podem incidir sobre a estrutura verbal. De acordo com os autores, cada operação morfológica modifica uma estrutura específica da fonologia dos verbos e cada uma das estruturas funciona como um possível *slot* morfológico.

### 3. Dados da pesquisa

Lourenço (2018a) examina os padrões de concordância verbal de 583 verbos da Libras extraídos do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (CAPOVILLA *et al.*, 2017) e os agrupa em diferentes categorias, a partir de características morfofonológicas e do tipo de concordância verbal que possuem. Dentre as categorias analisadas pelo autor, destaca-se o grupo dos verbos ancorados ao corpo, em que o Ponto de Articulação do verbo é definido fonologicamente como sendo uma região específica do corpo do sinalizador.

Considerando que os verbos ancorados ao corpo possuem restrição na manifestação da concordância verbal e de que essa restrição pode ser de caráter semântico, devido à presença de um mapeamento icônico, a pesquisa analisou esse grupo verbal, totalizando 153 verbos<sup>12</sup>. A distribuição dos verbos analisados é fornecida na Tabela 1.

**Tabela 1:** Distribuição dos verbos ancorados ao corpo por macrorregião.

Macrorregião	Verbos	%
Cabeça	103	67%
Tronco	46	30%
Braço	4	3%
TOTAL	153	

Fonte: Murta (2022, p. 51).

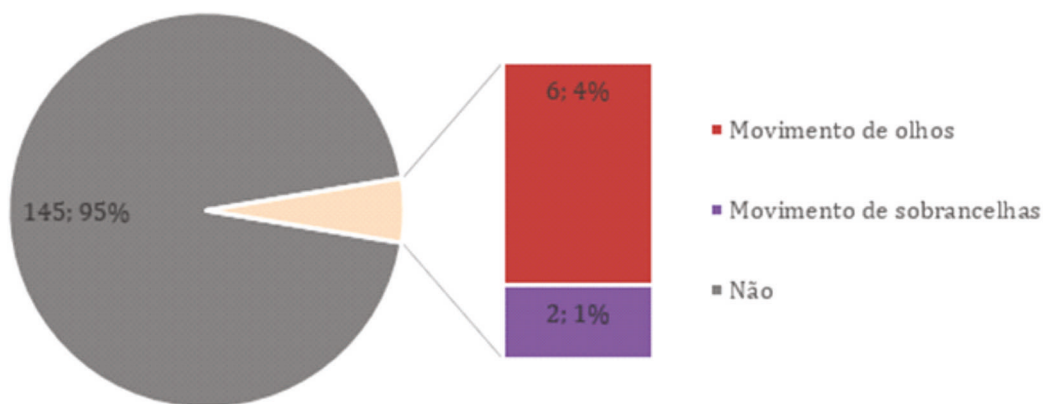
<sup>12</sup> Havia 158 verbos, mas 5 verbos foram excluídos por serem repetidos no dicionário, sob entradas diferentes.

A análise então verificou cada um dos cinco *slots* morfológicos propostos por Lourenço (2018b) e Lourenço e Wilbur (2018): (1) Marcadores de face superior; (2) Marcadores de face inferior; (3) Estrutura manual (configuração de mão); (4) Localização (ponto de articulação); e (5) Traços prosódicos (movimento), de modo a identificar possíveis relações analógicas entre forma e significado, que poderiam indicar um mapeamento icônico dessas estruturas.

#### 4. Análise dos dados

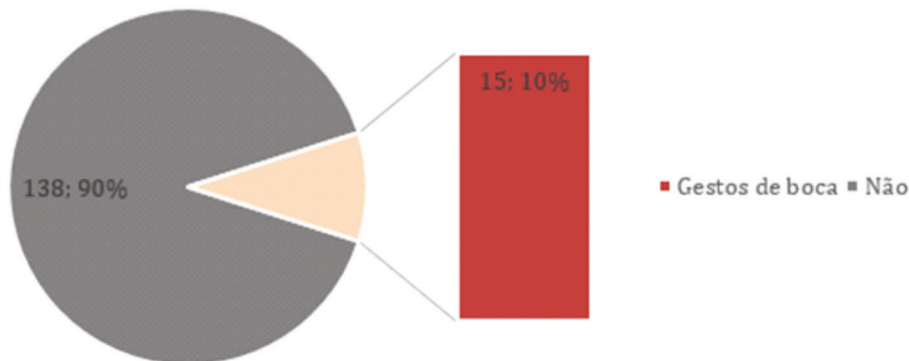
A primeira estrutura analisada foi a face superior, considerando o movimento de olhos e o movimento de sobrancelhas. Já a segunda estrutura, de face inferior, apresentou verbos com mapeamentos icônicos do tipo de gestos de boca. Os resultados indicam que as estruturas morfofonológicas de face superior e de face inferior apresentam poucas relações analógicas. A face superior é responsável por marcações relacionadas às estruturas sintáticas, e a face inferior pode marcar modificações em nível lexical, especificamente no caso dos verbos, modificações do tipo adverbiais. Os dados são apresentados nos Gráficos 1 e 2 a seguir.

**Gráfico 1:** Compilado de mapeamentos icônicos presentes na estrutura de face superior.



Fonte: Murta (2022, p. 63).

**Gráfico 2:** Compilado de mapeamentos icônicos presentes na estrutura de face inferior.



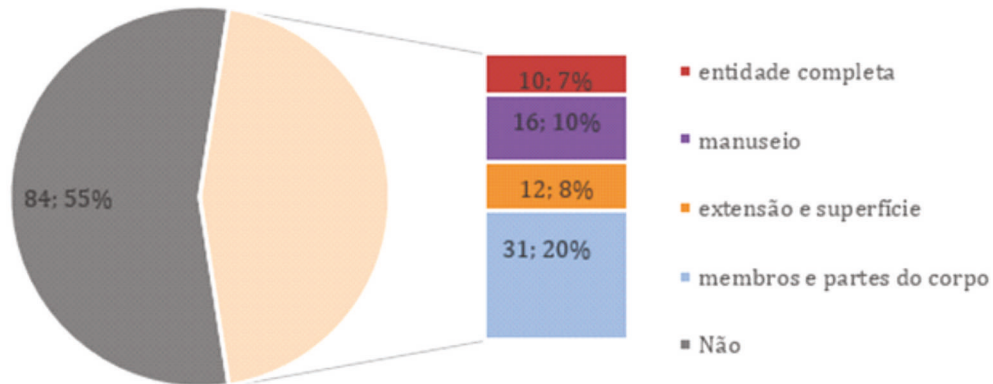
Fonte: Murta (2022, p. 51).

Uma hipótese que pode ser levantada para explicar a baixa ocorrência de mapeamentos icônicos nas estruturas não-manuais é a de que estas são bastante recrutadas para a transmissão de informações gramaticais e que, portanto, o sistema da língua evita realizar mapeamentos que comprometem possíveis operações subsequentes, já que é preciso preservar a estrutura. Assim, uma vez que não há predominância de mapeamentos icônicos nas faces superior e inferior, as estruturas ficam disponíveis para possíveis modificações gramaticais necessárias na língua.

Dentre os mapeamentos de face superior há seis ocorrências que envolvem o movimento dos olhos, mas apenas duas que utilizam o movimento de sobrancelhas. Isso parece corroborar a ideia de que essas estruturas precisam estar disponíveis para operações gramaticais, já que o movimento de sobrancelhas exerce importante função na delimitação de domínios sintáticos na Libras, como argumentam Figueiredo e Lourenço (2019).

Ao analisar a estrutura manual, a maior parte dos verbos (55%) não apresenta nenhum tipo de relação analógica em sua estrutura manual. Dentre os verbos que apresentam tal relação de analogia, é possível observar quatro tipos de formas manuais previstas: entidade completa, manuseio, extensão e superfície, e membros e partes do corpo. Membros e partes do corpo e de manuseio são os tipos mais frequentes de mapeamentos na estrutura manual. O Gráfico 3 indica os mapeamentos icônicos relacionados à estrutura manual.

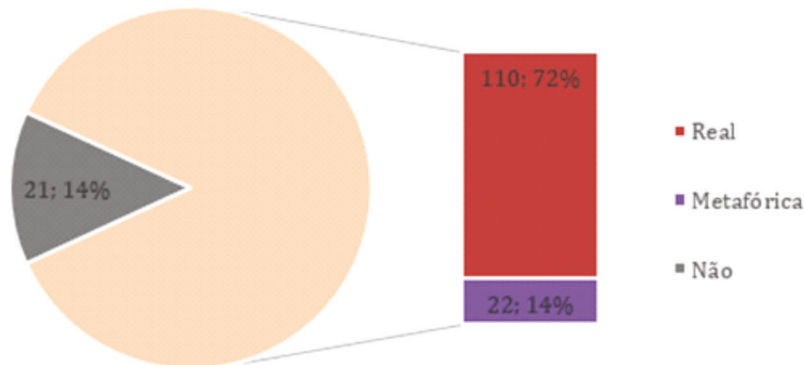
**Gráfico 3:** Compilado de mapeamentos icônicos presentes na estrutura manual.



Fonte: Murta (2022, p. 65).

O Gráfico 4 a seguir mostra os mapeamentos encontrados na estrutura de localização:

**Gráfico 4:** Compilado de mapeamentos icônicos presentes na estrutura de localização.



Fonte: Murta (2022, p. 67).

Dentre os verbos analisados, a estrutura que mais apresenta mapeamentos icônicos é a localização. Em 86% dos verbos foi possível identificar alguma relação analógica entre forma e significado. Esse resultado é, certamente, consequência do fato de termos analisado apenas verbos ancorados ao corpo. Adicionalmente, o comportamento icônico desses verbos, no que diz respeito à localização, parece corroborar o argumento de Lourenço (2018a), que repetimos a seguir:

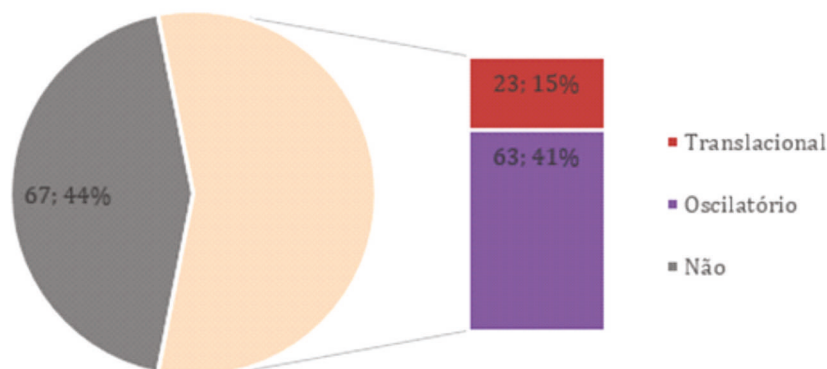
À primeira vista, a restrição para localização [concordância verbal] de verbos ancorados ao corpo parece ser de natureza fonológica. Contudo, algumas ideias da proposta de *corpo-como-sujeito* (MEIR *et al.* 2007, 2008) podem fornecer um arcabouço semântico a ser explorado, a partir da afirmação de que “o corpo do sinalizador não é somente uma localização formal para a articulação dos sinais, mas pode, a princípio, ser associado a um significado particular ou a uma função particular” (MEIR *et al.* 2008). O fato de que verbos de atividade mental são

realizados na/próximo da frente ou da testa, por exemplo, não constitui apenas uma informação fonológica, mas um importante mapeamento icônico/semântico que não pode ser quebrado pela mudança de localização do verbo. (LOURENÇO, 2018a, p. 189).<sup>13</sup>

Conforme observado no Gráfico 4, o tipo de relação analógica de localização real é mais frequente do que o de localização metafórica (72% vs. 14%, respectivamente). Essa diferença se dá porque consideramos os verbos de atividade mental como apresentando um mapeamento de localização real, já que entendemos que esses verbos descrevem eventos que envolvem o cérebro humano. Contudo, se tivéssemos analisado os verbos de atividade mental como sendo verbos de localização metafórica, os resultados se inverteriam, e a localização metafórica seria mais frequente do que a localização real.

O Gráfico 5 a seguir identifica os tipos de mapeamento na estrutura de movimento e, dentre os verbos que apresentam relação de analogia entre forma e significado, o movimento oscilatório é mais frequente. Novamente, uma explicação para esse tipo de resultado pode ser o tipo de verbo analisado. Como selecionamos somente verbos ancorados ao corpo, é possível que por terem um ponto de localização fixo, esses verbos codifiquem menos eventos que envolvam uma mudança de locação (isto é, movimento translacional). Por outro lado, dada a ancoragem no corpo, é mais plausível que esses verbos apresentem um tipo de movimento oscilatório, que oscila sempre em torno da mesma localização.

**Gráfico 5:** Compilado de mapeamentos icônicos presentes na estrutura de movimento.



Fonte: Murta (2022, p. 67).

<sup>13</sup> *At first sight, the restriction for location in body-anchored verbs seems to be phonological in nature. However, some insights from the body-as-subject analysis (Meir et al., 2007, 2008) would provide an interesting semantic framework to be explored, based on the claim that “the signer’s body is not merely a formal location for the articulation of signs, but may, in principle, be associated with a particular meaning or a particular function” (Meir et al., 2008). The fact that mental activity verbs are signed on/near the temple or the forehead, for instance, is not just a phonological information, but an important iconic/semantic mapping that cannot be broken by changing the location of the verb (LOURENÇO, 2018a, p. 189).*

Uma observação geral que gostaríamos de fazer sobre os mapeamentos encontrados é a de que, apesar de serem bastante produtivos na Libras devido à questão da modalidade visual e espacial da língua, os mapeamentos não parecem ser predominantes na estrutura dos verbos, se considerarmos separadamente cada *slot* morfológico. Isso nos ajuda a compreender mais a extensão da iconicidade na formação dos sinais, uma vez que podemos encontrar mapeamentos icônicos em uma subestrutura específica e não encontrarmos nenhuma relação analógica entre forma e significado nas demais.

Isso levanta a seguinte questão: se um sinal tem mapeamento icônico em apenas um *slot* morfofonológico e não apresenta nenhuma relação de iconicidade nas demais, podemos reduzir esse item a simplesmente um “sinal icônico”? Conclui-se, portanto, que a iconicidade não pode ser analisada como um fenômeno binário (sim/não).

## 5. Considerações finais

Com base nesses resultados, é interessante observar que os participantes surdos e os participantes ouvintes apresentaram uma correlação forte entre a percepção de iconicidade dos itens e a escala de iconicidade proposta. Isso potencialmente implica dizer que, mesmo para os sinalizantes ouvintes que possuem a Libras como L2, a iconicidade parece ser uma propriedade saliente o bastante para que esses ouvintes a percebam de maneira semelhante à percepção dos sinalizantes surdos. Na literatura corrente, a saliência da iconicidade para aprendizes de L2 tem sido bastante discutida (e.g., ORTEGA, 2017) e os resultados da pesquisa aqui apresentada sugerem que a iconicidade tem efeito bastante positivo no aprendizado de novos sinais por aprendizes de L2, especialmente quanto aos aspectos semânticos e/ou conceptuais.

Depreendemos da pesquisa realizada que mais análises são necessárias para entender melhor as possibilidades de restrição impostas pelos mapeamentos icônicos na estrutura interna dos verbos. Na literatura da área, estudiosos como Taub (2001) e Meir (2010) argumentam que a iconicidade pode restringir algumas operações semânticas, por exemplo, criando restrições na construção de mapeamentos metafóricos. Seria interessante verificar os fatores envolvidos em tais restrições e como eles afetam os mapeamentos.

Adicionalmente, conforme apontado por Lourenço (2018a), verbos ancorados ao corpo não exigem concordância verbal, precisamente devido a mapeamentos icônicos. É importante verificar os demais *slots* morfofonológicos, considerando as especificidades de cada tipo de verbo. Outras análises podem buscar compreender se os verbos que possuem mapeamento icônico na estrutura manual podem ou não participar de construções classificadoras, por exemplo.

Por fim, pode-se verificar, também, se os verbos que possuem mapeamento icônico na estrutura de traços prosódicos (isto é, no movimento) podem ou não ter seu movimento modificado em determinados contextos, por exemplo, quando há modulações aspectuais. Ainda, verbos que possuem mapeamento icônico na face inferior podem ser modificados por um modificador de face inferior (ex. marcador de intensidade)? Essas são apenas algumas perguntas que trabalhos futuros poderão responder ou tentar entender.

## Agradecimentos

A colaboração do Prof. Dr. Guilherme Lourenço foi essencial para a realização da pesquisa de doutorado apresentada neste capítulo. Meu ‘muito obrigada’ ao professor.

Michelle Murta 

## Referências

ARONOFF, M.; MEIR, I.; SANDLER, W. The paradox of sign language morphology. *Language*, v. 81, p. 301-344, 2005.

BAKER, A. *et al.* (Ed.). **The linguistics of sign languages: An introduction**. John Benjamins Publishing Company, 2016.

BENEDICTO, E.; BRENTARI, D. Where did all the arguments go? Argument-changing properties of Classifiers in ASL. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 22, n. 4, p. 743-810, nov. 2004. Disponível em: <<http://doi.org/10.1007/s11049-003-4698-2>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BERNARDINO, E. L. A. **A Construção da referência por Surdos na Libras e no Português escrito: A lógica no absurdo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1999.

BERNARDINO, E. L. A. O uso de classificadores na Língua de Sinais Brasileira. *ReVEL*, v. 10, n. 19, p. 250-280, 2012.

BERNARDINO, E. L. A.; SILVA, G. M. DA; PASSOS, R. **Iconicidade, Simultaneidade e uso do espaço em Libras**. Disponível em <<https://www.passeidireto.com/arquivo/39160943/iconicidade-simultaneidadeespaco>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

BERNARDINO, E. L. de A. O uso de classificadores na Língua de Sinais Brasileira. In: *ReVEL*, v. 10, n. 19, p. 250-280, 2012.

BRENTARI, D. **A prosodic model of sign language phonology**. Cambridge MA: MIT Press, 1998.

- BRENTARI, D. (Ed.). **Sign languages**. Cambridge University Press, 2010.
- BRENTARI, D. **Sign Language Phonology**. [s. l.]: Cambridge University Press, 2019. Disponível em: < <https://doi.org/10.1017/9781316286401>>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; TEMOTEO, J. G.; MARTINS, A. C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2017.
- COSTA, J. M. **Ensino de metáforas em língua portuguesa para surdos bilíngues Libras-português**. 2020. 165 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- COSTA, J. M. **Leitura e Compreensão de expressões metafóricas em português como segunda língua por surdos sinalizadores**. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- EMMOREY, K. Iconicity as structure mapping. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences** 369, 2014.
- FERREIRA, M. X.; BENFATTI, M. F. N. Aspectos pragmáticos da Libras como língua adicional. **Revista Memorare**, v. 7, n. 2, p. 104-114, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.31009/feast.i2.06>>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FIGUEIREDO, L. M. B.; LOURENÇO, G. O movimento de sobranças como marcador de domínios sintáticos na Língua Brasileira de Sinais. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 48, p. 78-102, 2019. Disponível em: < <https://doi.org/10.18309/anp.v1i48.1235>>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- GROSSO, B. **Iconicity and Arbitrariness in Italian Sign Language: An Experimental Study**. Padua: University of Padua, 1993.
- HOU, L.; KUSTERS, A. Sign languages. In: TUSTING, K. (Ed.) **The Routledge handbook of linguistic ethnography**. London: Routledge, 2019, p. 340-355.
- HAIMAN, J. The Iconicity of Grammar: Isomorphism and Motivation. **Language**, v. 56, n. 3, p. 515-540, set. 1980. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/414448>>. Último acesso em: 21 abr. 2021.
- HOEMANN, H. The transparency of meaning of Sign Language gestures. **Sign Language Studies**, n. 7, p. 151-161, 1975.
- JEREMIAS, D. A. **Iconicidade nas sentenças topicalizadas da Libras: uma motivação semântica e pragmática**. 2020. 215f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2020.

JÚNIOR, L. A. Z.; STUMPF, M. R. O ensino de Libras em sinalizadores ouvintes: uma análise dos parâmetros fonológicos. **Revista Leia Escola**, v. 15, n. 1, p. 92-106, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.31009/feast.i2.06>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**, Cambridge, MA.: Harvard University Press, 1979.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002 [1980].

LOURENÇO, G. **Concordância, caso e ergatividade em Língua de Sinais Brasileira: Uma proposta minimalista**. 2014. 163f. Dissertação (em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2014.

LOURENÇO, G. **Verb agreement in Brazilian Sign Language: Morphophonology, Syntax & Semantics**. 2018. 320 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018a.

LOURENÇO, G. *Layering* de informações visuais e a estrutura morfofonológica dos verbos em Libras. *In: Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística e Libras*, 2, 2018, Florianópolis. **Anais....** Florianópolis, 2018b.

LOURENÇO, G.; WILBUR, R. B. Are plain verbs really plain?: Colocalization as the agreementmarker in sign languages. **FEAST**. v. 2. Venice: Universitat Pompeu Fabra, p. 68-81, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.31009/feast.i2.06>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

LUCAS, C. (Ed.). **The sociolinguistics of sign languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MEIR, I. Iconicity and metaphor: Constraints on metaphorical extension of iconic forms Language. **Language**, v. 8, n. 4, p. 865- 986, 2010.

MEIR, I.; TKACHMAN, O. Iconicity. *In: ARONOFF, M. (ed.). Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. [s. l.]: Oxford University Press, 2018.

MURTA, M. A. **METÁFORAS EM LIBRAS: um estudo de seu uso por pessoas surdas**. 2015. 97f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MURTA, M. A. **Mapeamentos icônicos na estrutura interna dos verbos em Língua Brasileira de Sinais**. 2022. 116 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

ORTEGA, G. Iconicity and sign lexical acquisition: a review. **Frontiers in Psychology**, v. 8, e01280, 2017.

ORTEGA, G. *et al.* Type of iconicity matters in the vocabulary development of signing children. **Dev. Psychol.**, n. 53, p. 89-99, 2017. Disponível em: <<http://doi.org/10.1037/dev0000161>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

- PASSOS, R. **Construindo categorias sonoras: o vozeamento de consoantes obstruintes em surdos profundos usuários de língua de sinais (LIBRAS)**. 2009. 155f. Dissertação (em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009
- PASSOS, R. **Parâmetros Físicos do Movimento em Libras: um estudo sobre intensificadores**. 2014. 244 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- PEREIRA, S. L. P.; LIMBERTI, R. C. A. P. A relação entre a iconicidade e os classificadores na Língua Brasileira de Sinais. **Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS**, v. 23, n. 45, p. 162-177, 2019.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. Natural Sign Languages. In: **The Handbook of Linguistics**, 2003, p. 533-562.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 12<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1915].
- SILVA, G. M. **Lendo e Sinalizando Textos: uma análise etnográfica das práticas de leitura em português de uma turma de alunos surdos**. 2010. 222f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- SILVA, G. M. **Perfis linguísticos de surdos bilíngues do par Libras-português**. 2018. 217f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2018.
- SHINTEL, H.; NUSBAUM, H. Analog acoustic expression in speech. **Journal of Memory and Language**, v. 55, n. 2, p. 167-177, ago. 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jml.2006.03.002>>. Último acesso em: 21 ago. 2021.
- STOKOE, W. Sign Language Structure: An Outline of the Visual communication Systems of the American Deaf. **Studies in Linguistics**, Occasional paper 8. Silver Spring, MD: Linstok, 1960.
- TAUB, S. F. **Language from the body: Iconicity and metaphor in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LIBRAS)**. 2006. 175f. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. A duplicação do número de mãos de sinais da Libras e seus efeitos semânticos. **Fórum Linguístico**, v. 12, n. 1, p. 505-514, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.31009/feast.i2.06>>. Acesso em: 12 jan. 2021

XAVIER, A. N. A variação na produção de sinais da Libras à luz da Fonologia Gestual. **Gradus – Revista Brasileira de Fonologia de Laboratório**, v. 1, n. 1, p. 96-125, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.31009/feast.i2.06>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

WAUGH, L. R. Degrees of Iconicity in the Lexicon. **Journal of Pragmatics**, n. 22, p. 71-81, 1994.

WILBUR, R. B. Modality and the structure of language: Sign languages versus signed systems. *In*: MARSCHARK, M. (ed.); SPENCER, P. E. **Oxford Handbook of Deaf Studies, Language, and Education**, New York: Oxford University Press, 2003, p. 332–346.